

DISCURSO DE POSSE
PRESIDÊNCIA DO CNCGMPEU
Gestão 2020

Minhas primeiras palavras serão para saudar meu ilustre antecessor. Sua gestão, Dr. Moacir Gonçalves Nogueira Neto, é merecedora de todos os encômios. Ela ficará marcada na história de nosso CNCGMPEU por sua seriedade, por sua competência e por sua combatividade.

E, em meu nome pessoal, registro o imenso agradecimento pela amizade sincera com a qual sempre fui distinguida.

Estendo idêntico sentimento de gratidão todos os augustos Corregedores componentes de nossa Diretoria: dr. Sergio Abinagem Serrano, dra. Maria Conceição de Figueiredo Rollemberg, dra. Jussara Maria Pordeus e Silva, dr. José Valdenor Queiroz Junior, dr. Jorge de Mendonça Rocha, todos com contribuições preciosas e significativas para a boa realização de nossos trabalhos.

Saúdo, ainda, o dr. Carlos Bobadilha Garcia, primeiro Presidente do nosso Conselho de Corregedores, cuja primeira reunião se deu no ano de 1994, por incrível e

maravilhosa coincidência em Corumbá, MS, minha cidade natal.

Com grande emoção dirijo-me a minha querida família Rondon Maldonado Katurchi. Cumprimento-os através do meu pai Jorge, com seus 93 anos, lá na distante Corumbá, onde formou nossa família, mas sempre presente no meu coração, e através da minha saudosa e sempre amada mãe, Anna Thereza.

A Walter, meu companheiro muito amado, e a Camila e Marina, minhas filhas queridíssimas, razão de indescritível orgulho e imensa alegria, meu inesgotável carinho. Através de vocês presto minhas homenagens a todos os queridos Incontri Exner.

Meu muito obrigado também aos diletos amigos e amigas, sempre presentes em minha caminhada. Juntos festejamos abundantes momentos felizes e com vocês consegui enfrentar os desafios e os dias cinzentos da existência. A experiência dessa amizade sincera e fraternal foi a verdadeira fortuna que tive a sorte de colher ao longo da vida.

Meus agradecimentos, por fim, a todos que hoje nos assistem: amigos do Ministério Público, amigos do Poder Judiciário, amigos advogados, minha equipe de Assessores, especialmente os drs. Sergio Simas, Nathalie Kiste Malveiro e Elaine Caravellas, que muito ajudaram para realização deste evento, assim como os zelosos funcionários, os quais cumprimento nas pessoas de Maria Aparecida Lonaro e Marcio Yokoyama.

Cessados os cumprimentos, inicio minhas reflexões, neste 13 de maio, com uma frase da ativista negra Angela Davis: “Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo. E você tem que fazer isso o tempo todo”.

Pois bem, quando, repleta de honra, fui eleita Presidente do CNCGMPEUE, no final de 2019, nunca poderia supor que meses depois passaríamos todos por momentos tão difíceis.

Nesse diminuto espaço de tempo a humanidade perdeu referências forjadas em uma era cujo ciclo parece ter se encerrado e, de forma abrupta, fomos arremessados em um novo mundo com contornos ainda muito mal definidos. Pesquisadores têm dito que o século XXI começou agora.

De acordo com o filósofo espanhol Ortega y Gasset, viver é viver em alguma circunstância e não nos cabe escolher entre mundo em que vivemos e o qual gostaríamos de viver. Ele chega além, afirmando: “Eu sou eu e as minhas circunstâncias”, para explicitar que as circunstâncias do homem estão tão imbricadas em seu ser a ponto de dele se tornarem parte integrante.

Para focar essa inter-relação entre a pessoa e o seu momento histórico, o filósofo se vale de uma imagem impactante bastante adequada aos dias atuais:

Diz ele: pensemos em alguém adormecido nos bastidores de um teatro e, por um empurrão, lançado à ribalta, ante o público. Em qual situação se encontraria o homem despertado dessa maneira? E conclui: diante do imprevisível só lhe restaria resolver da maneira mais decorosa possível aquela situação.

Hoje, esse “alguém adormecido atirado ao proscênio” somos todos nós, habitantes do planeta terra. As consequências da epidemia, ainda não perceptíveis em sua integralidade, transcenderão os limites da saúde e se espalharão para todos os níveis de relação humana.

Impactarão a economia global, a distribuição da riqueza, a demografia rural e urbana, as relações de trabalho, a educação, e muitas outras. E teremos de lidar com elas, mesmo nos sentindo despreparados.

Dias atrás, os jornais noticiaram ter um diretor da Organização das Nações Unidas sido taxativo em dizer: “Sem ação, populações morrerão de fome, não só de corona vírus”.

E o que fazer?

Esse sentimento de impotência está na gênese do medo, da angústia e do desconforto que hoje assolam os seres humanos. Estamos assustados e inseguros pela impossibilidade de lançar mão apenas dos instrumentos de que sempre nos valem para lidar com os novos desafios e desconhecemos novas formas de agir. Todo o arsenal do conhecimento político, econômico, científico mostra-se insuficiente e pilares de um progresso gerado no passado são colocados a prova. A crise mundial no fornecimento de insumos hospitalares nos meses de março e abril, por exemplo, nos fizeram enxergar que talvez a divisão internacional do trabalho visando única e exclusivamente a

redução do preço final dos produtos tenha uma contrapartida nefasta a ser repensada.

Se já assistíamos a um mundo dicotômico, no qual a evolução do conhecimento humanístico, cultural, social e tecno-científico não conseguia trazer respostas para questões existenciais primárias do ser humano e as eternas maldições no mundo, como a fome e a miséria e a privação da cidadania, continuavam a desafiar a capacidade criativa nas formas de política e de análise ética, com a nova realidade, essas mesmas questões deverão ser encaradas com uma abrangência exponencialmente mais elevada e com uma urgência bem maior.

Esses desafios em breve estarão na soleira do Ministério Público. Com toda certeza em pouco tempo as consequências do contágio em massa da doença respiratória exigirão análise dos promotores da saúde pública, do idoso, da infância, da habitação, das execuções penais e também dos colegas das demais áreas. Temos de estar prontos para buscar com criatividade caminhos para atender as novas demandas, tarefa talvez comparável a um dos trabalhos de Hércules.

Ao nos conferir as honrosas funções de defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis, o Legislador Maior certamente imaginou uma Instituição composta por agentes virtuosos, combativos e preparados para atender às justas expectativas sociais.

De nossos membros a sociedade legitimamente espera profissionais de excelência, indivíduos probos, empáticos, capazes de transformar aspirações das comunidades onde exercem suas funções em realidade, dando concretude aos mandamentos constitucionais.

Parece oportuno lembrar que de nenhuma instituição se pode esperar uma atuação de excelência, se não estiver dotada de um espírito condizente à virtude moral. Michael J. Sandel, citando Aristóteles, afirma que: “A questão é fazer a coisa certa ‘para a pessoa certa, na dimensão certa, no momento certo, pelo motivo certo e da maneira certa’ ” (Justiça- O que é fazer a coisa certa, Michael J. Sandel, [tradução de Heloísa Matias e Maria Alice Máximo], 13ª. edição, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2014).

De outro lado, os desafios dos Promotores e dos Procuradores de Justiça são de grande magnitude e, não

raro, têm de executar enorme quantidade de tarefas sem a necessária estrutura material. Têm de lidar, também, com uma realidade em acelerada transformação e com problemas de ordem pessoal agravados em razão da estrutura das carreiras.

Ora, é justamente o cotejo entre o que se espera em tese de cada agente ministerial e aquilo que cada um consegue nas condições específicas de seu cargo executar, que delinea o raio de ação das Corregedorias.

E para o adequado cumprimento de tão elevada e por vezes espinhosa função, não nos resta outro caminho, que não o da atuação eminentemente técnica e linear, em estrita observância ao que dispõe as leis e a Constituição Federal, sob pena de apequenamento de toda a Instituição.

As estruturas rijas e sólidas que permitiam com maior facilidade aos homens e mulheres localizarem-se histórica e socialmente, perdeu espaço para a necessidade de constantes mudanças e adaptações. O sociólogo polonês, Bauman, afirma que “O eixo da estratégia de vida pós-moderna não é fazer a identidade deter-se – mas evitar que se fixe” (Bauman, Zygmunt, “O mal-estar da pós-modernidade”, Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pág.114). E

indaga o respeitado sociólogo: “Como pode alguém investir numa realização da vida inteira, se hoje os valores são obrigados a se desvalorizar e, amanhã, se dilatar?” (op.cit. pág. 112).

Intuitivo, pois: em tempos tão desafiadores o olhar orientador e fiscalizatório da Corregedoria deve resguardar a solidez de valores éticos, morais e legais, mas sem perder de vista o subjetivismo da vida contemporânea.

E o que isso significa? Significa que devemos avançar buscando a melhor adequação ao novo, mas sempre atentos à força de nossas raízes. Raízes que constituem força específica a nos conduzir à percepção de que, se nesta era tão controversa, conceitos e valores até aqui insuscetíveis de revisão estão sendo reformulado, não é menos importante a salvaguarda de nossa autonomia, de nossas prerrogativas e, sobretudo, de nossa ética institucional.

O respeito com as partes, funcionários e demais autoridades, bem como entre colegas deve fazer parte do dia a dia do membro do “parquet”. Deve ser algo tão intuitivo como o movimento da respiração. O integrante do Ministério Público, por definição um profissional corajoso,

não deve se intimidar diante de nenhum obstáculo colocado ao bom desempenho de sua função. Mas sempre deve exercê-la com o devido recato e com postura íntegra e ilibada. Ele deve ter também sempre presente que se lhe espera uma atuação com a empatia e serenidade no trato para com todos aqueles que vão a procura seu auxílio na busca da Justiça.

Jamais nos esqueçamos: no momento em que valores como honradez, civilidade, polidez e compaixão deixarem de existir, a própria ideia de humanidade será ferida de morte.

Daí a importância de atenção aos novos espaços de vivência e de convivência, como as redes sociais e as ferramentas tecnológicas, a propiciar novas formas de contato entre os colegas, novas formas de trabalho conjunto e de avaliações.

Em tempos tão difíceis, com a perspectiva do contágio chegando a todos os umbrais, com a iminência de caos no sistema de saúde, os índices econômicos desabando e a miséria, tal como um Leviatã, emergindo diante de nós, não basta ter na ética apenas uma bandeira, mas um valor efetivo de nossas vidas.

Nesse cenário, a atuação coesa e coordenada do Ministério Público é fundamental. Incumbe aos Corregedores, mais do que nunca, o importante trabalho de orientação e de apoio na busca por novas formas de atuação, garantindo sempre a união de esforços dentro de cada Ministério Público e entre todos os Ministérios Públicos, em ferrenha observância, realço uma vez mais, à nossa Carta Magna e às nossas Leis Orgânicas, fundações permanentes que são do edifício ministerial em constante aperfeiçoamento e construção.

União e criatividade, penso eu, são as palavras de ordem desses novos tempos, sempre na busca da Justiça e da plena dignidade do ser humano. Afinal, se coube à nossa geração despertar em meio à ribalta, conforme o exemplo de Ortega y Gasset, tomara estejamos sempre juntos e unidos, porque assim seremos mais fortes e mais felizes.

Muito obrigada.